



A LEITURA DO PRÓPRIO TEXTO

Esta é uma unidade muito significativa para o seu aprendizado, pois é o momento de você rever sua produção para aprimorá-la.

Seu tutor irá contribuir, mas é fundamental que você mesmo procure verificar, com bastante critério, os pontos positivos de seu texto que devem ser ressaltados, e aqueles que devem ser revistos.

Seja um leitor criterioso de seu texto, para isso acionando as reflexões que desenvolvemos até aqui.

1. Esforce-se para se conscientizar da importância das atividades de leitura e produção de textos que está desenvolvendo.

✓ Será que você está lendo e redigindo tão somente para cumprir obrigações de uma disciplina de seu curso?

✓ Já percebeu que ler e produzir textos são atividades que não desenvolvemos apenas dentro da escola?

✓ Notou que está sempre sendo convocado a se posicionar diante dos acontecimentos que o rodeiam no seu dia-a-dia?

✓ Está mais atento para o fato de que, para se posicionar, você precisa ler os acontecimentos, as reportagens, os vários textos que veiculam informações a todo momento?

✓ Compreendeu, enfim, que ler e produzir textos significa assumir uma postura de sujeito diante de sua própria vida?

2. Leia e releia o seu texto de forma exigente, pois sua produção revela o quanto você pode contribuir com a discussão de idéias que se desenvolvem em seu tempo.

✓ Pense que seu texto não foi composto apenas para você e seu tutor lerem: ele foi composto para que você pudesse desenvolver seus pontos de vista, e isso é fundamentalmente importante.

✓ Trabalhe muito bem a apresentação de suas idéias, considerando que seus leitores podem ou não compartilhar de suas opiniões: se compartilharem, devem ficar satisfeitos por poderem contar com um aliado que sabe se posicionar; se não compartilharem, devem ser levados a aceitar e respeitar a sua abordagem do tema discutido.

3. Para dar conta de se colocar firmemente como sujeito nesse diálogo (quase nunca tranquilo!), é preciso bem organizar o plano de conteúdo de seu texto.

✓ Verifique se o recorte que você fez foi preciso.

✓ As discussões em torno do tema abordado são intermináveis, mas o tratamento que você dará a essa discussão em seu texto tem que ter um começo, um meio e um fim: esse limite está claro para você?

✓ Ao estabelecer o limite de seu plano de conteúdo, não perca de vista que ele só fará sentido se puder contribuir, de alguma forma, com aquela discussão maior em torno da temática abordada. Em outras palavras: explicitamente você limitará sua discussão, mas, implicitamente, essa discussão tem que considerar os horizontes infinitamente mais amplos em que ela se insere.

4. O plano de conteúdo sofre as coerções naturais do plano de expressão.

✓ Você foi “desafiado” a compor uma dissertação: observe sua composição e verifique se está de acordo com o que foi solicitado.

✓ Um texto dissertativo trabalha, predominantemente, com recursos da linguagem através dos quais você deve tecer uma INTERPRETAÇÃO.

✓ Verifique, pois, o equilíbrio entre as informações que foram explicitadas em seu texto e as opiniões que você desenvolveu sobre elas. É preciso que SUAS opiniões se sobressaiam.

5. Ainda com relação ao plano de expressão, observe que a escrita é uma modalidade da língua diferente da oralidade: “grande parte das diferenças entre linguagem oral e linguagem escrita decorre das especificidades de cada uma das modalidades da língua. Ter consciência clara dessas especificidades é um passo importante para se escrever bem”. (Faraco e Tezza, p. 111) Vejamos, então, algumas dessas especificidades.

5.1. O aprendizado da modalidade oral é intuitivo, ou seja, aprendemos nossa língua, quando crianças, ouvindo aqueles que a utilizaram à nossa volta, sem que ninguém tenha se ocupado em nos explicar o seu funcionamento. A escrita, ao contrário, implica um aprendizado formal que, normalmente, vamos desenvolver na escola. Apesar desse aprendizado formal da escrita, não nos desvencilhamos das influências do aprendizado intuitivo, até porque continuamos a usar, e muito, a oralidade! Por isso, em algumas situações da escrita, nos deixamos influenciar pela intuição e, assim como “não pensamos para falar”, acabamos também por não pensar para escrever.

Mas é preciso que, em algum momento, nos detenhamos especificamente sobre o formato dos textos que escrevemos, numa operação metalingüística¹ que normalmente não realizamos com relação à oralidade.

5.2. Não apenas o aprendizado da modalidade oral é revestido de intuição, mas também o seu uso. Ainda que em algumas circunstâncias - em especial em contextos que envolvem formalidade - nos ocupemos do formato que damos à nossa expressão oral, normalmente não é isso o que acontece. Não é próprio da oralidade se ocupar do formato que as frases vão adquirir: simplesmente falamos e, ao falar, as

¹ O prefixo -meta pode significar “reflexão crítica sobre”. Operação metalingüística, então, significa realizar uma reflexão crítica sobre a linguagem utilizada nos textos, ou seja, sobre a melhor forma de apresentar o conteúdo desenvolvido.

frases vão se constituindo. Isso ocorre devido ao uso intuitivo que fazemos da língua na oralidade, e também porque, nessa situação de comunicação, temos a presença física de um interlocutor que, efetivamente, constrói junto conosco o texto que está sendo produzido.

Por exemplo, é comum na oralidade o interlocutor cortar uma frase e reformular o seu conteúdo, ou então solicitar um retorno ao que já foi dito para que possa compreender melhor.

Também são muito freqüentes certos deslocamentos do texto oral quando, por exemplo, o interlocutor demonstra conhecimento do que está sendo dito. Quando isso ocorre, simplesmente paramos de desenvolver certo raciocínio (pois ele já foi compreendido, mesmo antes de finalizado), e damos novo rumo ao nosso texto.

Outros desvios freqüentes também se dão por influência do contexto extralingüístico: se passa alguém pela calçada, por exemplo, e esse alguém nos faz lembrar alguma coisa, ou nos chama a atenção para algo, paramos o que estávamos falando e passamos a falar sobre aquela outra coisa suscitada pela passagem daquele alguém pela calçada.

Na escrita, ao contrário, ainda que consideremos a presença de um interlocutor (escrevemos para alguém, mesmo que esse alguém seja nós mesmos), e que este interfira sobre nosso texto², ele não age diretamente sobre seu formato. Também não temos retorno imediato desse interlocutor sobre nossa produção, de tal forma que não sabemos se o assunto já está suficientemente claro, se já conseguimos atingir nosso objetivo, ou se será preciso explicar um pouco mais, construir um outro exemplo, etc.

Essa ausência física de um interlocutor nos dando indícios sobre o quanto nosso texto está sendo compreensível e bem recebido, demanda um grau de cuidado muito diferenciado sobre o texto escrito. Se na oralidade são possíveis flutuações de conteúdo, certo “vai e vem” nos assuntos, desvios e interrupções, a escrita demanda rigidez: é preciso que o texto escrito mantenha uma unidade temática, sem desvios; e é preciso que essa unidade temática se constitua de conteúdos bem desenvolvidos e inter-relacionados.

5.3. Além do cuidado com a unidade temática (desenvolvimento e inter-relação de todo conteúdo), como o texto escrito pode ser retomado pelo leitor sempre que este “se perder” na leitura, é possível utilizar frases mais longas, com conectivos que demonstrem, explicitamente, qual o sentido que atribuímos à relação entre nossas idéias. Na oralidade, por exemplo, poderíamos dizer:

Não gostei da aula de ontem. Textos muito longos.

É um formato de linguagem comum no texto oral. Apesar de não ter sido utilizado nenhum conectivo que marcasse a relação de causa e consequência entre os dois fatos - não gostar da aula e textos longos - o interlocutor sempre dará alguma demonstração de que compreendeu a relação. Além disso, também a entonação e outros recursos, como a expressão facial e a gesticulação, operam na oralidade para significar.

² Não escrevemos da mesma forma para um leitor que compartilha de nossa intimidade, ou com o qual mantemos uma relação de formalidade; para um leitor criança, e para um leitor adulto; para um leitor leigo ou para um especialista no assunto de que estamos tratando, etc.

Na escrita, não temos como ter certeza se uma relação de causa e consequência, ou qualquer outra relação lógica, foi realmente compreendida. Então, é preciso que essas relações venham explicitadas, através do uso dos conectivos adequados. E escrevemos, então:

Não gostei da aula de ontem por causa dos textos muito longos que foram utilizados.

5.4. Com relação aos recursos extralingüísticos, como a entonação, a expressão facial, a gesticulação, é fundamental considerar sua importância para a oralidade e sua ausência na escrita, cuja compensação torna-se um verdadeiro desafio. O olhar, o tom de voz, um gesto e tantos outros recursos de que a oralidade dispõe para criar seus sentidos devem ser todos compensados com recursos estritamente lingüísticos na escrita.

5.5. Finalmente, é importante lembrar que, enquanto a oralidade permite uma ampla variedade de formas de comunicação, a escrita segue as normas da variante padrão, que são aquelas já descritas pela conhecida Gramática Normativa.

Nenhuma forma de expressão é melhor ou pior que outra: todas devem estar adequadas à situação de comunicação. Sendo assim, as regras descritas pela Gramática Normativa não devem ser vistas como sendo regras referentes a um formato de língua melhor que nenhum outro, mas é o formato adequado para a escrita, e deve, portanto, ser observado, ainda que a todos esteja reservado o direito de desenvolver seu próprio estilo.

6. Com essas e outras reflexões possíveis, vamos ser bem honestos?

- ✓ Será que seu texto está bom o suficiente para que seus leitores tenham vontade de ultrapassar o primeiro parágrafo?
- ✓ Isso é apenas uma provocação. Claro que você trabalhou direito e que seu texto está bom.
- ✓ Mas, certamente, toda produção pode ser SEMPRE melhorada.
- ✓ Então, mãos à obra!

REFERÊNCIA

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. Prática de texto para estudantes universitários. Petrópolis (RJ): Vozes, 1992.